

"O VIÚVO" – OSWALDO FRANÇA JÚNIOR "LUTO E MELANCOLIA" – SIGMUND FREUD: UMA ANÁLISE

Carla Beatriz de SOUZA*

RESUMO

"Este trabalho procurou refletir sobre os aspectos que envolvem o processo de elaboração do luto, bem como algumas implicações patológicas que esta circunstância pode desencadear. Trata-se de uma abordagem articulada entre um texto da literatura nacional contemporânea e outro psicanalítico, enfocando a mesma problemática".

INTRODUÇÃO

O último livro de Oswaldo França Júnior a que tive acesso foi exatamente o que ele primeiro escreveu. Talvez, por isso, o impacto de deparar-me com uma obra prima não me tenha surpreendido tanto como acontece com aqueles que iniciam em ordem direta a leitura deste autor¹. Eu já conhecia o seu poder de penetração na alma da gente, como se ele já tivesse feito isso com cada ser da espécie humana. Já compartilhara a sua capacidade de tratar dos temas mais profundos e mais tocantes da existência humana como quem dialoga displi-

(*) Mestranda em Psicologia Clínica – PUCCAMP

(1) Escritor mineiro nascido em 1936, França Júnior foi aviador (piloto de caça), profissão da qual foi afastado pelas imposições do regime de força que se implantou no Brasil a partir de 1964. Militar reformado, estudou economia e fez muitas coisas para sobreviver. Escrever foi uma delas. Seu primeiro romance – O Viúvo (1965) – foi recebido como uma "pequena obra-prima" por Rubem Braga que o ajudou a editá-lo. Com o segundo – Jorge, um brasileiro (1967) – ganhou um prêmio e ficou conhecido. Desde então, nós é que temos sido premiados a cada biênio com uma nova obra sua, hoje mais de uma dezena.

centemente, enquanto descasca batatas para o jantar. França Jr. devassa o nosso interior de homem com uma tranqüilidade, com uma calma e simplicidade que me apavoram. Cada epílogo seu me deixa tão desconcertada que dura muitos dias a minha recomposição.

No caso deste livro, "O Viúvo", a surpresa de deparar-me com uma investigação tão profunda e ao mesmo tempo tão envolvente do inconsciente, me deixou de tal forma inconstante, que precisei retornar muitas vezes ao texto para que nada escapasse.

Uma das vantagens de viver nesta era de avanço tecnológico é a possibilidade que se tem de desfrutar a contemporaneidade de vários autores. Há alguns anos ouvi, numa entrevista, França Jr. falar das razões pessoais que o levaram a escrever "O Viúvo" e do surgimento deste tema em torno de alguém que ele tirou de suas recordações de menino. Dizia ele que presenciara, nas vizinhanças de sua casa, o enviuvamento de um homem tão maltratado pela esposa, que todos sentiram um certo alívio por ele e acreditaram que o homem poderia ser feliz após o acontecimento. Contrariamente, o tal homem não só não se recuperou desta perda, mas também foi se desestruturando, se despersonalizando até se destruir completamente.

Com este romance, França Jr. exemplifica muito bem as palavras de Freud (2, p. 252) a respeito das obras literárias de ficção: **"o mecanismo da ficção é idêntico ao das fantasias histéricas"**. Ilustrando isso, Freud relembra Goethe que, para criar o seu Werther, combinou aquilo que havia experimentado — o amor por Lotte Kastner — com algo que ouvira: o destino do jovem Jerusalém, que morreu cometendo suicídio. Neste caso, Goethe talvez tenha se protegido por meio dessa fantasia das conseqüências de sua experiência. Freud observa ainda sobre isso que Shakespeare estava, portanto, certo ao justapor ficção e loucura.

"O Viúvo" é um exemplo, muito próximo de nós, dessa articulação observada por Freud. E França Jr. tem sido, em todos os seus livros, um "virtuoso" desta prática, pela habilidade com que vai tecendo com fios de fantasia uma base do vivido, até recobri-la tão completamente que não se possa distinguir uma estrutura da outra, resultando numa verdade que inevitavelmente retorna ao seu ponto de origem. Observemos como isso se dá neste romance.

Sobre o relacionamento do casal: Pedro/Darcy, nós nada sabemos, pois o romance se inicia com a morte de Darcy e vai tratar do comportamento assumido por Pedro a partir de então. A narrativa acompanha um processo frustrado de elaboração de luto, como fator desencadeante de um quadro psicótico que leva a conseqüências trágicas.

O interesse que essa obra literária despertou em mim se deve evidentemente à sua ligação com uma temática tão cotidiana para nós da área de Psicologia, como é a da doença mental. Todavia, foi a satisfação de encontrar a descrição de mecanismos tão complexos e de difícil assimilação, em forma clara e simples, como poucas vezes se tem oportunidade de encontrar, que me levou a esta tentativa de escrever algo a este respeito. Não se trata de uma análise psicológica do romance ou dos personagens e menos ainda de uma crítica literária sob o enfoque psicológico. Nossa pretensão foi refletir um pouco sobre as dificuldades e os sofrimentos que envolvem um processo de elaboração do luto, quando não se teve uma estruturação suficientemente sadia, que possibilite o enfrentamento deste processo. O texto de França Jr. nos lança impiedosamente nesta questão, inquietando-nos com muitas perguntas.

“O VIÚVO” – UM BREVE RESUMO

O Sr. Pedro é um próspero comerciante, em Belo Horizonte, dos queijos que traz do Serro, cidade entre as tantas do interior mineiro, conhecida pelo patrimônio histórico que conserva e pela gostosura dos queijos que produz. A morte da esposa após dois anos de casados, sendo que, destes, dez meses ela passara enferma num hospital, faz com que o Sr. Pedro entre num longo período de melancolia e desinteresse para com tudo que o cerca. Inclusive para com os filhos, que em casa dos avós só recebem dele vistas esporádicas. O apego às lembranças e às coisas da esposa lhe absorvem e ele começa a apresentar um comportamento estranho àqueles do seu relacionamento. Lentamente, ele tenta se reconstituir através de pequenas tarefas, que começa a inventar para si. Assim como aos poucos vai sendo capaz de reassumir a direção do negócio dos queijos. Repentinamente, ele se volta para os filhos, levando-os para casa e

tenta estabelecer através deles um novo contato com o mundo. Apesar de seus esforços, a sua recuperação é lenta demais para o processo desestruturador que já se instalara em si. Um acidente envolvendo os filhos o coloca novamente em confronto com a perda, da qual não se restabelecerá. Seus aspectos destrutivos afloram novamente e ele se vê dominado por força que desconhece. Uma situação corriqueira de trânsito lhe tira totalmente a razão, levando-o a cometer um homicídio, do qual não se apercebe. Num leito de hospital, enquanto a sua recuperação física é aguardada para que seja indiciado pela justiça, ele vai se esvaindo do seu contato com a realidade, encontrando na alienação, conforto para a sua dor e um paradeiro para o seu sofrimento. Mergulhado na desrazão, ele parece finalmente encontrar alguma tranqüilidade.

"LUTO E MELANCOLIA" – UMA REVISÃO

Este texto de Freud, publicado em 1917, é resultante de intensas investigações clínicas e profundas reflexões na tentativa de encontrar explicações para estes fenômenos. Estas tentativas vinham sendo registradas desde 1895 por Freud, em suas cartas a Fliess.

Articulando inicialmente estes conceitos a mecanismos puramente neurológicos, Freud logo pôde substituí-la por uma abordagem psicológica do assunto, mais uma vez registrada nos "rascunhos" que anexava às cartas ao amigo.

Até chegar à sua forma final, conforme apresentado em 1915 na Sociedade Psicanalítica de Viena, estas idéias foram se reelaborando graças à introdução do conceito de narcisismo, a respeito do qual Freud escrevera um pouco antes, e à apreciação feita por Abraham que lhe sugeriu alguns aspectos.

A repercussão deste artigo foi grande, ultrapassando o objetivo inicial de explanação do mecanismo da melancolia, especificamente. Muitas destas implicações foram verificadas em trabalhos posteriores como "Psicologia de grupo e análise do ego" (1921); "O ego e o id" (1923).

O processo por meio do qual, na melancolia, uma catexia objetal pode ser substituída por uma identificação, foi

considerado por Freud como a característica mais significativa deste artigo, tendo, mais tarde, generalizado para outros mecanismos a ocorrência deste processo.

Freud (3, p. 275) justifica que a correlação entre a melancolia e o luto se deve à forma similar dos aspectos externos com que ambos os fenômenos se servem para se manifestar. O luto é a reação à perda de um ente querido ou à de alguma abstração que esteve neste lugar. Faz parte do processo do luto um afastamento temporário de coisas que fazem parte da vida habitual do indivíduo, no que não se deve interferir, portanto.

Há pessoas, contudo, que diante das mesmas influências desenvolvem, no lugar do luto, um outro tipo de sentimento, cujas características sugerem uma disposição patológica prévia — a melancolia.

Os traços mentais que distinguem a melancolia são enunciados por Freud (3, p. 276-7): um desânimo profundo e penoso, cessação de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de todas as atividades, diminuição dos sentimentos de auto-estima, a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando uma expectativa delirante de punição. As características do luto são as mesmas com exceção da perturbação da auto-estima.

Freud apresenta desta forma o trabalho de luto: como a realidade confirma que o objeto amado não existe mais, é preciso que se retire desse objeto toda a libido que lhe foi investida. Um completo desinvestimento libidinal em relação a este objeto é, na verdade, quase tão impossível quanto a disposição em fazê-lo. A oposição a isso é, às vezes, tão intensa que recorre a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por meio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. O que prevalece normalmente é a realidade, ainda que não de imediato, pois há nisso um grande dispêndio de tempo e de energia catexial, que favorece psiquicamente a existência do objeto perdido. **“Cada uma das lembranças e expectativas isoladas, das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas”**. A esta observação, Freud (3, p. 277) acrescenta que é de difícil explicação em termos de economia essa

fragmentação que torna tão mais penoso o processo, mas que é aceita por nós como algo natural. Concluído, porém, o trabalho do luto, o ego se torna novamente livre e desinibido.

Aplicando esse procedimento à melancolia, o que se observa é que, embora possa ocorrer tanto uma perda real do objeto amado, quanto uma perda de natureza idealizada, o que fica indistinto é o que foi perdido na realidade. Ou seja, a percepção consciente daquilo que se perdeu é difícil até mesmo para o próprio sujeito. Assim, mesmo que ele se dê conta da perda que deu origem à sua melancolia, sabendo **quem** ele perdeu, ele não consegue saber **o que** ele perdeu nesse alguém. Isso sugere, portanto, que a melancolia se relaciona a uma perda objetual fora do nível consciente, contrapondo-se ao luto, no qual nada existe de inconsciente em relação à perda.

Resulta daí que, no luto, a inibição e perda de interesse se justificam pelo trabalho no qual o ego é absorvido. Na melancolia, a perda desconhecida exigirá um trabalho intenso semelhante. A diferença é que neste último caso a inibição nos parece enigmática, porque não podemos ver aquilo que absorve tão completamente o melancólico. Em relação à auto-estima, a sua diminuição extraordinária na melancolia não é verificada no luto. Resumindo, no luto é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego. Esse quadro de auto-depreciação do melancólico, que pode chegar a um "delírio de inferioridade", é completado pela insônia e pela recusa a se alimentar, configurando uma superação do instinto humano de apego à vida.

Uma análise mais criteriosa a respeito do processo de auto-difamação, que acomete o melancólico, em comparação com o luto, levou Freud (3, p. 280) a concluir que enquanto neste caso a perda é relativa a um objeto, na melancolia esta se refere a seu próprio ego. O que se observa, prossegue Freud, é uma espécie de divisão do ego, em que uma parte se volta contra a outra, julgando-a, criticando-a, menosprezando-a, enfim, como se se tratasse de um outro objeto. Indo além em suas observações clínicas, Freud constatou que as auto-acusações do melancólico, quando atingiam um nível de extrema violência, se ajustavam mais a uma pessoa das suas relações amorosas, do que a si próprio. Desta forma, o que parece haver é um deslocamento das recriminações dirigidas a um objeto amado para o

ego do próprio indivíduo. E assim, acreditam que quanto mais eles se maltratam mais estarão maltratando a outrem. Isso é observável inclusive pelo fato de que, ao invés de demonstrarem humildade e submissão — aspectos próprios dos desprezíveis —, apresentam o comportamento marcante dos que se sentem eternamente desconsiderados ou injustiçados. Esse comportamento é procedente do seu estado mental de revolta, que gerou o estado esmagado da melancolia.

Freud (3, p. 281) propõe a reconstrução do processo que leva a este estado: num dado momento, a pessoa faz uma escolha objetual, ou seja, ela estabelece com alguém em particular uma ligação libidinal. Caso venha a acontecer uma real desconsideração ou um desapontamento por parte desta pessoa amada, a relação objetual fica destroçada. A expectativa normal, numa circunstância desse tipo, seria a pronta retirada da libido desse objeto e o seu investimento em um novo objeto. Porém, o que se passa às vezes é um pouco diferente: ao invés de se deslocar a libido para outro objeto, faz-se o seu deslocamento para o próprio ego. E, não havendo um reaproveitamento específico dessa libido pelo ego, este a utiliza para estabelecer uma identificação com o objeto abandonado. O que daí resulta é uma espécie de superposição entre a imagem do objeto e o ego desse indivíduo que, a partir de então, passa a receber julgamentos, como se fosse o objeto em si, por parte de um agente especial. Assim, a perda objetual passa a se constituir na perda do próprio ego, transformando-se então o conflito entre o ego e a pessoa amada, uma separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação.

Dois aspectos a respeito deste processo poderiam ser considerados como talvez determinantes deste quadro. Uma forte fixação no objeto amado e uma catexia objetual de pouca resistência em relação a esse objeto. Sobre estes aspectos Freud ressalta que a contradição que eles encerram foi esclarecida por Otto Rank da seguinte forma: como a escolha objetual é efetuada, numa base narcisista, é possível que, ao se defrontar com obstáculos, toda a catexia objetual investida retroceda para o narcisismo, transformando a catexia erótica numa identificação

narcisista com o objeto, podendo essa substituição constituir um importante mecanismo nas afecções narcisistas².

O que se observa, portanto, é que a melancolia toma emprestado do luto e do processo de regressão os traços com que se apresenta. Como o luto, é uma reação à perda real de um objeto amado. Traz consigo, porém, fatores determinantes, que acabam por transformá-lo em luto patológico. Um outro aspecto que os dois processos compartilham é do desaparecimento após certo tempo dos sintomas, sem vestígios de grandes alterações. No que concerne ao luto, isto é inclusive esperado, uma vez que esse processo necessita de um tempo para que o domínio do teste da realidade seja efetivo. Realizado este trabalho, o ego pode libertar sua libido do objeto perdido. Em relação à melancolia, contudo, a compreensão desses aspectos é ainda limitada, pois que em alguns casos verifica-se uma tendência em transformar-se em mania. Isso não se refere a toda melancolia. Alguns casos seguem o curso de recaídas periódicas, sem muitas alterações nos intervalos. Outros alteram a melancolia com a mania, cujos sintomas — totalmente opostos — acabam por conferir ao indivíduo características de insanidade.

A melancolia é, por assim dizer, um luto além do normal, onde a relação com o objeto é conflitante devido a uma ambivalência. O fato de que essa ambivalência tanto pode ser constitucional no indivíduo, quanto proveniente das experiências que envolveram a ameaça ou a perda do objeto, confere à melancolia causas de amplitude muito maior do que as do luto. As deste se referem, na maior parte dos casos, a uma perda real do objeto — à sua morte. O que se observa na melancolia é o desligamento entre amor e ódio em torno do objeto: por um lado, tenta-se separar a libido do objeto; por outro, defende-se essa posição da libido. "A localização dessas lutas isoladas", afirma Freud (3, p. 290) "só pode ser atribuída ao sistema inconsciente". Embora no luto os esforços para separar a libido sigam o mesmo sistema, nada impede que estes processos sigam caminho normal através do pré-consciente até a consciência. Na

(2) Freud admite que, até aquele momento, as suas observações clínicas não são suficientes para fundamentar teoricamente que a tendência a adoecer de melancolia reside na predominância do tipo narcisista da escolha objetal, embora sejam seguros os indícios de que o processo representa uma regressão de um tipo de escolha objetal para o narcisismo original.

melancolia, este caminho está bloqueado: como a ambivalência pertence por natureza ao reprimido, as experiências traumáticas em relação ao objeto podem ativar o centro material reprimido, fazendo com que tudo que tenha a ver com essas lutas, permaneça retirado da consciência até que os sintomas melancólicos se apresentem.

É essa parte inconsciente, presente em ambos os processos, que faz com que se compreenda tão pouco a respeito do trabalho que executam, mas que também permite uma analogia essencial entre a melancolia e o luto. **“Do mesmo modo que o luto compele o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao ego o incentivo de continuar a viver, assim também cada luta isolada da ambivalência distende a fixação da libido ao objeto, depreciando-o, denegrindo-o e mesmo, por assim dizer, matando-o”.** (3, p. 290)

“O VIÚVO”: UMA TENTATIVA DE COMPREENSÃO POR MEIO DA PSICANÁLISE

Os primeiros sintomas apresentados pelo Sr. Pedro são os mais adequados a quem acaba de perder a esposa. Demonstra uma completa apatia, desinteresse por tudo que o cerca. Seu pensamento vagueia por uma coisa ou outra sem tomar nada com muita especificidade. Não se anima a reagir contra qualquer atitude alheia das quais discorde. Tem dificuldade em externalizar a sua dor. Age com displicência. Estabelece apenas um elo entre a sua dor e os aspectos externos que a ela se relacionam. **“Subi ao meu quarto que fica na parte superior da casa, fechei a porta, abri o guarda-roupa e espalhei os vestidos da Darcy sobre a cama... E durante bastante tempo permaneci no quarto, vendo os vestidos da Darcy espalhados sobre a cama, sentindo-me muito triste, mas sem conseguir chorar”** (1, p. 19)

O completo desinteresse do Sr. Pedro por tudo que vive se estende aos filhos, que ficam na casa dos avós. Ele não deseja ver os “filhos de Darcy” e acha estranho que lhe cobrem isto. Não tem vontade de voltar para casa, uma tentativa de evitar o contato real com a sua condição, ficando na rua até que se fechem os bares, entabulando com estranhos conversas desprovidas de qualquer nexos com a sua realidade.

Freud (3, p. 276) diz que o luto profundo — a reação à perda de alguém que se ama, encerra um estado de espírito penoso, uma perda de interesse pelo mundo externo, na medida em que este não evoca esse alguém,, uma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significa destituí-lo) e um afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. Essa inibição e circunscrição do ego é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que não deixa espaço para outros interesses.

Essa disposição para o luto é dolorosa e se manifesta inicialmente pelo intenso sentimento de culpa que, em grau mais elevado, acaba por levar o indivíduo a responsabilizar-se pela morte do objeto amado, fazendo-o sentir-se ao mesmo tempo indigno de continuar vivendo. Observamos este aspecto manifestando-se no Sr. Pedro logo nos primeiros dias do seu enlutamento: **"Ela disse muitas coisas. Uma das coisas foi que estávamos ali, sozinhos e vivos, e isto não me agradou, e resolvi voltar"**. (1, p. 22)

Freud (3, p. 283-4) ressalta, neste sentido, que, onde existe uma disposição para a neurose obsessiva, o conflito devido à ambivalência empresta um cunho patológico ao luto, forçando-o a expressar-se sob forma de auto-recriminação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto amado, isto é, que ela a desejou. **"Esses estados obsessivos de depressão que se seguem à morte de uma pessoa amada, revelam-nos o que o conflito devido à ambivalência pode alcançar por si mesmo, quando também não há uma reação regressiva da libido"**.

Em relação à melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão desde o caso nítido de uma perda por morte, até situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que podem trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente. Esse conflito devido à ambivalência, que por vezes surge mais de experiências reais, por vezes mais de fatores constitucionais, não deve ser desprezado entre as pré-condições da melancolia. Se o amor pelo objeto — um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja — se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abu-

sando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo. Normalmente, tanto na melancolia quanto na neurose obsessiva, os indivíduos ainda conseguem, pela autopunição, vingar-se do objeto original e torturar o ente amado através de sua doença, à qual recorrem a fim de evitar a necessidade de expressar abertamente sua hostilidade para com ele. Pois a catexia erótica do melancólico, em relação a seu objeto, sofreu um revés duplo: parte dela retrocedeu à identificação, a outra, sob a influência do conflito devido à ambivalência, foi levada de volta à etapa de sadismo, que se acha mais próxima do conflito.

Uma das coisas que logo chama a atenção do leitor de "O viúvo" é que o luto do Sr. Pedro parece "maior". É desproporcional em relação ao que entendemos por "processo natural de luto". O comportamento do Sr. Pedro dá mostras de conter algo mais intenso, mais profundo. Algo que a circunstância de perda favoreceu o aparecimento e não simplesmente instalou. Uma das primeiras características apontadas por Freud em seus estudos iniciais sobre a melancolia é que esta tratava-se de uma perda da vida instintiva. (2, p. 99)

Após cinquenta dias da morte da esposa, o Sr. Pedro não tem vontade de mais nada. Continua sem ver os filhos, sem querer voltar à vida normal. Recusa-se em sentir a realidade, em contatar com sua falta real: "Fui atrás de um bar aberto e só o encontrei próximo à Avenida Amazonas, quase junto à Praça Sete. Não me agrada voltar para casa agora que não tenho mais a Darcy. É preferível ficar bebendo cerveja ou outra coisa qualquer a sentir a casa vazia. Não gosto de sentir a falta da Darcy". (1, p. 25) Já neste momento, uma dúvida nos assalta — de que falta ele está falando?

Freud (2, p. 99) parte da idéia de que a melancolia consiste em um luto pela perda da libido.

O Sr. Pedro não tem apetite e sofre de insônia. Conforme Freud observou, o quadro de melancolia é completado pela insônia, pela recusa a se alimentar e por uma superação do

instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida. Na melancolia, a insônia atesta a rigidez da condição, a impossibilidade de se efetuar o retraimento geral das catexias, necessário ao sono. Aliado a esses aspectos, o Sr. Pedro apresenta uma incontrolável necessidade de se ocupar, de se cansar. Durante a noite resolve limpar seu carro: "O sereno havia molhado os vidros do carro. Foi bom porque assim me deu vontade de limpá-lo e fiquei, por uma hora, tendo o que fazer. Peguei uma flanela no porta-luvas e fui enxugar os vidros. Depois enxuguei o carro e dei um lustro na lataria". (1, p. 26) "Parei o carro junto à garagem e fiquei limpando-o e apertando os parafusos que ia encontrando frouxos" (1, p. 51). Durante o dia, resolve se ocupar dos queijos: "Deu-me vontade de fazer um pouco de exercício e tirei o paletó, arregacei as mangas da camisa, pedi um avental e fui lavar uma pilha de queijos" (1, p. 27). Frequentemente, põe-se a executar tarefas que não são necessárias: "Hoje, levantei-me cedo, às cinco horas fui para o depósito e resolvi contar os queijos das prateleiras a fim de matar o tempo. Quando Efigênio chegou e abriu as portas, eu já estava na quinta prateleira e contara oitocentos e trinta e quatro queijos" (1, p. 31). Este comportamento vai sendo notado pelos que o cercam: "Assim o senhor está se matando. Depois que a dona Darcy morreu o senhor não pára de trabalhar. Deita tarde e quase não come. É preciso tudo isso, seu Pedro?" (1, p. 34)

À medida em que avançamos no texto, vamos percebendo um certo distanciamento do Sr. Pedro em relação ao processo natural do luto. Aquilo que neste processo é entendido como adequado até certo ponto, ao adquirir proporções incompatíveis com a realidade, vai delineando o quadro de uma afecção mais grave. Por exemplo, é bem verdade que há no luto uma certa resistência em se abandonar uma posição libidinal para o reinvestimento em outra. E essa posição pode ser tão intensa que pode gerar um desvio da realidade e um apego ao objeto, por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo: "Resolvi abrir o guarda-roupa e passar em revista os vestidos da Darcy. Abracei o capote de peles, que ela ganhou do Sr. Armando, logo que ficamos noivos e pareceu-me que abraçava a Darcy" (1, p. 36). "Liguei a eletrola e fiquei escutando alguns discos, que a Darcy gostava de ouvir... Desliguei a eletrola e fiquei em silêncio na sala. Podia perfeitamente seguir a música

com o pensamento e era melhor que ouvir o disco. Era música silenciosa trazendo uma lembrança da Darcy. Era quase real sua presença" (1, p. 33) Há uma completa impossibilidade do Sr. Pedro em se desprender daquilo que o liga à morte da esposa. Mas se afasta daquilo que também o liga a ela enquanto vida — os filhos. Através dos objetos deseja revivê-la.

A formação da fantasia carregada de desejo e sua regressão à alucinação constituem as partes mais essenciais do trabalho onírico, mas não pertencem exclusivamente aos sonhos. São também encontradas em dois estados mórbidos: na confusão alucinatória aguda e na fase alucinatória da esquizofrenia. O delírio alucinatório da confusão alucinatória é uma fantasia inteiramente bem ordenada com um perfeito devaneio. Freud (4, p. 261) esclarece que para este caso poderia se falar em termos gerais de uma psicose alucinatória carregada de desejo.

Conforme citamos, anteriormente o Sr. Pedro, a princípio, travava conversas desprovidas de sentido em relação à sua realidade. Entrava em bares e agia como se tivesse marcado ali um encontro com uma mulher. O que poderia passar por pilhéria ou pequena confusão, vai se agravando quando, além de persistir nesta prática, ele começa a agir na realidade como se tais conversas realmente tivessem existido, além de induzir a outros que partilhem do seu delírio. "Na Rua da Bahia vi um garoto bem magro sendo puxado pela mãe. Parei o carro perto do meio-fio e chamei a senhora. Ela veio e eu perguntei se não estava precisando de roupas e comida para o filho. Ela saiu arrastando o menino pela mão e olhando-me de lado. Andei mais um pouco e parei o carro novamente perto dela. Ela entrou numa casa de comércio e ficou lá de dentro a me olhar. Desci do carro e entrei na casa. E expliquei à senhora que o garoto parecia estar passando fome e frio. E falei que frio e fome são duas das piores coisas que uma criança pode sentir. Ela abraçou o filho e me pediu para que a deixasse. Disse que a brincadeira estava indo longe demais, e que eu devia respeitá-la. Não havia feito nada que me desse o direito de pensar que era uma dessas aí. Resolvi ir embora, mas antes dei à mãe do garoto o meu endereço. Ela não tomou nota nem prestou atenção" (1, p. 72). Numa outra situação: "Sua esposa perguntou-me pela minha e eu disse que ela se achava passando as férias com os pais em São

Paulo, mas que, devido à saudade, iria mandar buscá-la amanhã" (1, p. 86)

A psicose alucinatória carregada de desejo alcança dois resultados: ela traz desejos ocultos ou reprimidos para a consciência e também os representa, com toda a crença do indivíduo, como satisfeitos. Como é de todo impossível sustentar que os desejos inconscientes devem necessariamente ser considerados como realidade tão logo se tenham tornado conscientes — pois somos capazes de distinguir as realidades de idéias e desejos, por mais intensos que possam ser — a explicação de Freud (4, p. 262) a respeito da concomitância desses resultados é que parece justificável presumir que a crença na realidade esta vinculada à percepção através dos sentidos. Já que quando um pensamento, ao enveredar pela regressão até chegar aos traços de memória inconscientes dos objetos e daí à percepção, é percebido como real, a alucinação traz consigo a crença na realidade.

Um outro sintoma que o Sr. Pedro apresenta e que pode ser ligado a isso são os sentimentos persecutórios. Inicialmente, ele crê que o gerente de seu depósito de queijos está lhe passando para trás, que lhe vem roubando nos queijos. Frequentemente, ele empreende vistorias, confere todas as notas, vasculha arquivos. Não constando qualquer irregularidade, ele atribui ao funcionário uma sagacidade incontestável. Aos poucos ele vai estendendo para todos os que o cercam essa desconfiança. Cada ato seu parece estar sendo espreitado. **"O Efigênio ultimamente tem me tratado com mais consideração e respeito do que normalmente trata. Acho que está me enganando nas contas como nunca esteve. E deve estar fazendo a coisa muito bem, por mais que procure, não descubro o roubo. Todos os dias me pergunta como vou de saúde e o que é estranho, presta deveras atenção à minha resposta, como sempre estou bem, invento de vez em quando uma dor de cabeça, uma pontada no fígado e coisas deste feitio. Quando respondo simplesmente que estou bem, ele abana a cabeça, fazendo-se de satisfeito e sorri para mim. Hoje não respondi ao sorriso. Sustentei-o com um olhar sério até que ele teve que fechar a cara e pedir licença para tratar do serviço"** (1, p. 38)

Há também outro aspecto que Freud pode verificar desde a suas primeiras observações a respeito da melancolia, e

podemos também notar nas atitudes do Sr. Pedro. O desejo sexual sofre uma inibição, fica meio anestesiado, conforme denominado por Freud. Se consideramos que o desejo sexual está diretamente ligado ao instinto de vida, é facilmente aceitável que esta seja uma das funções que mais prontamente se iniba, uma vez que toda a libido está sendo consumida pelo próprio ego no trabalho da melancolia.

Conforme se observa, o Sr. Pedro lida com os seus impulsos sexuais da mesma forma como tem feito em todas as situações: desinteressadamente. Às vezes o desejo lhe ocorre, liga para uma amiga; no percurso que faz para o encontro, perde a vontade ou mesmo se esquece do que vai fazer. Com a amiga, qualquer frase, qualquer comentário pode fazer que ele não a deseje mais.

Ao lado de todos estes aspectos, através dos quais vamos percebendo que o processo que o Sr. Pedro vive tem suas raízes em algo anterior à perda da esposa, chama-nos a atenção a sua atitude agressiva para com as pessoas. Extremamente intolerante para com os outros, ele atribui a qualquer fato corriqueiro razões para intensas discussões. Com freqüência, faz desafios que, se levados a efeito, poderiam acabar em tragédia. E, quem sabe, não seria este o desejo? Agredindo, talvez encontrasse alguém que lhe fizesse aquilo para o que lhe faltam forças. **“Enfie a mão na bolsa e disse que em vez de ataduras poderia a cara dele ficar com buracos de balas. Não fizeram nada, e esperei ainda alguns instantes, olhando para o alfaiate que cada vez tremia mais os lábios e enrugava a testa. Ele não é um homem novo e eu disse para ele que não se incomodasse muito, pois de qualquer modo não teria mais muito tempo de vida. Como todos permanecessem calados, dei as costas e saí. Da porta voltei-me e xinguei a mãe de cada um dos auxiliares. Vi que o alfaiate chorava e que os auxiliares me olhavam sem piscar. Tive ainda que empurrar o rapazinho que me havia levado o bilhete. Estava no meio da porta e parecia não querer que eu sáísse”** (1, p. 29)

É a freqüência de comportamentos como este que leva a pensar se não teria sido um desses impulsos que o levou a tirar repentinamente os filhos da casa dos avós, quando antes não demonstrava qualquer sinal de querer-lhes. Quando os familiares lhe cobravam uma atitude de reconhecimento dos

filhos — ir vê-los de vez em quando por exemplo — ele parecia não se incomodar com isso, mas responde tirando os filhos da casa dos avós, na noite em que estes comemoravam o aniversário deles, cuja data teve que lhe ser lembrada. Isto feito tão abruptamente, causa um sofrimento muito grande aos sogros do Sr. Pedro, que, desde que perderam a filha, se dedicavam em cuidar dos netos. Até mesmo o Sr. Pedro não estava muito certo dos motivos que o levaram a tomar esta atitude. **"Quem mais gostou da mudança foi a Teresa (sua empregada). Não sabia nada acerca de crianças, mas em poucos dias aprendeu a preparar comida, dar banhos e a atender os balbucios que dizem. Conversa com eles como se fossem grandes e compreendessem o que ela diz"** (1, p. 45). E concluía: **"Mas a verdade é que pensei que se os meninos são filhos da Darcy, o lugar deles é ao meu lado"** (1, p. 45). Ao surpreender a todos levando para sua casa os filhos, o Sr. Pedro parece tentar duas coisas, e na primeira tem sucesso imediato: agredir, causar dano e fazer sofrer os sogros, causando-lhes também uma perda; angariar para si mais alguns objetos que lhe possam restituir a presença da esposa, assim como acontece com os vestidos dela. Por outro lado, ao ter perto de si as crianças, pode deslocar para elas as preocupações dos outros que lhe eram dirigidas.

Esta atitude, porém, acaba por promover algumas mudanças no comportamento do Sr. Pedro. Podemos entendê-las como uma manifestação de que a pulsão de vida está resistindo dentro de si. Há um princípio de realidade que está se mantendo, apesar de tudo.

Assumir os filhos, ainda que a princípio como coisas da Darcy, significa também que encontrou um elo de vida entre a esposa e ele. Lidar com isso é extremamente difícil para ele, pois é com hostilidade e algum sadismo que ele inicia o contato com os filhos. **"Mandeí que levasse os dois para o quarto e que apagasse a luz. Quando a Teresa desceu as escadas, eles começaram a gritar. A menina chorou durante mais de uma hora. O pequeno acompanhou-a durante uma meia hora e depois desistiu, e só ficou ela com aquele grito cada vez mais baixo, devido ao cansaço. A Teresa tentou subir as escadas duas vezes. Na segunda vez fui obrigado a gritar com ela e a dizer que os filhos eram meus e eu era quem dava ordem sobre eles. Respondeu-me que eu não parecia ser o pai, pelo modo como agia.**

Disse isto, mas não subiu para ver a 'coitadinha'. Depois que a pequena parou de gritar fui até o quarto. Encontrei os dois dormindo. Ela, de vez em quando, mesmo dormindo, soluçava. Estava com o rosto todo salpicado de suor e tinha a cabeça virada para os pés do berço. Voltei para a sala, liguei a televisão e procurei um programa que me fizesse esquecer os gritos dos dois. Não encontrei e então resolvi sair" (1, p. 46-7)

Em muitas situações vemos uma certa compulsão de sua parte em ser "mau" com as crianças. Demonstra satisfação em vê-las correr perigo, impede que os outros façam alguma coisa por elas para em seguida "salvá-las". Outras vezes, acaba ferindo-os sem querer, mas com certa insistência. "Para distrair a Tânia e fazê-la parar de chorar, comecei a brincar com os dois. Ela caiu duas vezes por ter tropeçado numa dobra do tapete. Numa das vezes fui levantá-la e lhe queimei o braço com a ponta do cigarro. Depois fui mostrar-lhe a chama do fósforo, e o Ronaldo, sem que eu pressentisse, quis pegar a chama e queimou o dedo. Quando os dois já haviam chorado, senti-me um desastrado e chamei a Teresa para que ela os levasse para a varanda e ficasse brincando com eles" (1, p. 96). Com o tempo, vai conseguindo brincar com eles e vez por outra é tomado por sentimento de culpa em relação às suas atitudes. Um dia se surpreende beijando os filhos e descobre que está vivendo novamente: "Senti-me feliz por tê-los como filhos" (1, p. 69)

Os muitos sentimentos ambivalentes que o Sr. Pedro vai nutrindo em relação aos filhos encontram ressonância na teoria freudiana. "A perda de um objeto amoroso constitui excelente oportunidade para que a ambivalência nas relações amorosas se faça efetiva e manifesta" (3, p. 283).

Consideremos por um momento, de forma específica, as origens dos conceitos de amor e de ódio, na esperança de que nos ajudem na compreensão da questão da ambivalência. "O amor deriva da capacidade do ego de satisfazer auto-eroticamente alguns dos seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão. É originalmente narcisista, passando então para os objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses objetos como fontes de prazer. Torna-se intimamente vinculado à atividade dos instintos sexuais ulteriores, e, quando estes são inteira-

mente sintetizados, coincide com o impulso sexual como um todo. O ódio, enquanto relação com objetos é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação do despertar evocado por objetos, sempre permanece uma relação íntima com os instintos auto-preservativos, de modo que os instintos sexuais e os do ego possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio. Quando os instintos do ego dominam a função sexual, como é o caso na fase da organização anal-sádica, eles transmitem as qualidades de ódio também a finalidade instintual" (5, p. 160-1).

Partindo dessas considerações, vejamos porque é que o amor se manifesta como ambivalente — acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto — com tanta freqüência: Freud (5, p. 161) afirma que o ódio que se mescla ao amor provém em parte das fases preliminares do amor não inteiramente superadas e em parte das reações de repúdio aos instintos do ego, os quais, em vista de freqüentes conflitos entre os interesses do ego e os do amor, podem encontrar fundamentos em motivos reais e contemporâneos. Mas nos dois casos, o ódio mesclado tem como sua fonte os instintos auto-preservativos. Quando uma relação de amor com um objeto é rompida, é comum que o ódio surja em seu lugar, dando-nos a impressão de que o amor se transforma em ódio. Isto se deve ao conceito de que o ódio, mesmo com seus motivos reais, é aqui reforçado por uma regressão do amor à fase preliminar sádica, de modo que o ódio passa a ter um caráter erótico, garantindo assim a continuidade da relação de amor.

Assim, é através dos filhos — identificados com partes da esposa que vivem — que o Sr. Pedro parece ir conseguindo recuperar também em si partes do seu ego que ainda podem ser recuperados. Os perigos que, no início, ele próprio proporciona aos filhos como deixá-los na chuva o quanto queriam ou comprar para eles "brinquedos" que os possam ferir com facilidade, como ferramentas, chaves de fenda, alicates, etc., ele vai passando a evitar para eles. Começa a se preocupar neste sentido. Quer preservá-los, pois, com isso, preserva-se a si mesmo. É na relação com os filhos que ele começa a contactar com a realidade, tomando consciência da sua dor e podendo externá-la de um mo-

do que antes não podia: "O pequeno não acordou quando o transporte para a minha cama, mas acordou quando coloquei o cobertor. Não chorou nem tentou falar suas palavras ininteligíveis. Sentei-me junto a ele e conversei como se ele fosse uma pessoa grande. A atenção com que me olhava era de quem estava entendendo. Não parou de me olhar um instante. Sua expressão, no entanto, me dava um certo constrangimento e cheguei a me sentir sem forças para contar-lhe um caso de mentira e então contei a ele coisas que realmente aconteceram. E disse inclusive que a mãe dele já morreu e que ele nunca mais haverá de se encontrar com ela e que isto é uma coisa muito ruim. Que no momento talvez não sinta tanto a falta dela, mas que quando crescer e vir que, por mais que esperar, ela não vai aparecer, então sentirá muita falta e não achará nunca nada que a possa substituir. Parecia me compreender e, ao mesmo tempo, não acreditar muito no que lhe dizia. Sorri para ele por me sentir tolhido pelo seu olhar, mas ele não sorriu e então desisti e abracei-me com ele e chorei" (1, p. 92-3).

O mecanismo de projeção deste "diálogo" do Sr. Pedro com o filho faz ressaltar neste momento um aspecto surpreendentemente saudável em relação ao conteúdo patológico que vinha sendo observado até então. Ele de fato estava podendo compreender a situação, mesmo que não estivesse ainda podendo aceitá-la. Mas seu comportamento evoluíra para alguma compreensão. Poder falar de si através do filho foi a saída que encontrou para tentar dar início ao processo de luto que até então não pudera.

Porém, conforme fizemos notar desde o início, parece que a estrutura mental do Sr. Pedro tinha comprometimentos que dificultavam intensamente a que ele pudesse retornar um desenvolvimento normal. Este seu despertar para os filhos, o seu "encontro" com eles, inicialmente benéfico, era um aspecto por demais frágil em relação à sua estrutura geral. Além do que o que se observa a seguir é que o núcleo patológico acaba se utilizando disto, que poderia ser uma via para um reestabelecimento do processo normal do luto, para a sua própria ampliação. De acordo com o que foi exposto a esse respeito, seria necessário, para que houvesse elaboração do luto, que o Sr. Pedro fosse capaz de desinvestir o objeto perdido da libido a ele atribuída, deixar que esta libido retornasse a ele de forma que,

ao estar completamente desimpedida, ela pudesse ser dirigida a um outro objeto. Porém, o que observamos neste caso foi que, não se dando conta de que a perda da esposa apenas simbolizava uma perda objetal mais profunda — a nível inconsciente — e que tinha a ver com um núcleo patógeno de identificação narcisista, o Sr. Pedro se tornou completamente incapacitado de abandonar esta posição libidinal. Deste modo, a libido retornou a ele identificada ao próprio objeto perdido, fazendo com que desencadeasse nele um processo melancólico com características bastante definidas. O interesse que ele, subitamente, passa a ter em relação aos filhos lhe beneficia enormemente. É o seu instinto de vida que se manifesta. E é visível a evolução que ele tem neste período.

Há um simbolismo a esse respeito implícito no desejo que ele sente em relação à mulher de um amigo: **"Deu-me vontade de encontrá-la sozinha numa rua escura e ter que lutar pela sua posse. Deu-me vontade de possuí-la, mas de modo que antes tivesse que brigar com ela"** (1, p. 103). Parece haver algo dentro de si que se mobiliza em função de vida. Há o desejo de lutar por alguma coisa. É significativo o aparecimento desta fantasia, neste momento.

Também neste período um novo dado dá margem a que pensemos uma evolução favorável, uma manifestação do princípio de realidade, quase o tempo todo negado pelos sentimentos persecutórios. **"Pelo tom de sua voz, pareceu-me que estava querendo zombar de mim com este 'Seu Pedro'. No entanto, sua expressão era séria, e saí pensando que talvez o tom de zombaria fosse apenas impressão minha"** (1, p. 105)

Acontece que como a sua energia libidinal não pode ser liberada do antigo objeto de amor e continuava também presa a um processo regressivo de identificação com o objeto, ele não pode fazer dos filhos os novos objetos de amor. O que ele talvez tenha conseguido, afinal, foi uma superposição de objetos, na tentativa de eliminar a perda real. Assim, ele vai procurando nos filhos reconstituir a esposa: **"No caminho de volta, parei numa casa que vende roupas de crianças e comprei muitos vestidos bonitos para a Tânia. Comprei sapatos e tomei a resolução de que ela deve brincar com bonecas. Paguei caro por uma pulseira e mandei gravar o seu nome. Dei ao gravador o nome e quando**

ele me trouxe a pulseira já gravada é que vi o engano. Dera o nome de Darcy em vez de Tânia. Disse isso ao gravador, ele se prontificou a raspar o nome, mas não me agradou raspar o nome da Darcy. Levei tudo para casa e fiz a Teresa vestir a garota" (1, p. 74).

Nem a presença viva dos filhos é capaz de mobilizá-lo o suficiente para que haja algum desinvestimento libidinal da figura da esposa. Em vez disto, o que se observa é a repetição insistente de que esta permaneça nos filhos: "Quando me achava debaixo do chuveiro, reparei que na janela do banheiro estava uma caixa de plástico que a Darcy usava para encher de talco. Fiquei surpreso de ver que ainda não tivesse notado. Saí do chuveiro e ainda molhado, fui ver se tinha talco. E vi que a caixa estava cheia. Senti o cheiro do talco e me pareceu que a Darcy se achava presente. Sentei-me na borda da banheira e pensei muito nela. Enquanto me enxugava gritei pela Teresa, e quando ela atendeu avisei que de hoje em diante quero que os meninos usem daquele talco que está na caixa de plástico branco. Abri um pouco a porta e mostrei qual a caixa. Antes de sair do banheiro ainda abri a caixa e tornei a cheirar o talco. Vesti-me sem que o meu pensamento largasse Darcy. Eu quase a tocava dentro do quarto" (1, p. 107-8).

Conforme Freud observou, os sintomas melancólicos se manifestam de forma cíclica. Neste caso, especialmente observam-se recaídas repentinas, transcorrido um período mais ameno. Em contrapartida a isso o Sr. Pedro vai se aferrando aos filhos cada vez mais, criando uma total dependência deles. Como se estivesse retirando neles a força para voltar à vida, vai demonstrando necessitar desesperadamente da presença deles. "Fui ao quarto dos meninos e encontrei os dois descobertos. Passei a mão pelo corpo deles e senti que, se estivessem acordados, estariam com frio. Acendi as luzes para procurar no guarda-roupa dois cobertores. Abri e fechei as portas com força para ver se acordavam, e assim eu pudesse brincar com eles. Mas não acordaram e mesmo quando os cobri e os enrolei nos cobertores não abriram os olhos. Fiquei triste com isto e pareceu-me que eles me abandonavam. Abracei um e depois o outro demoradamente, e mesmo assim a impressão não passou" (1, p. 116).

O que vai sendo possível perceber, à medida em que os relatos do Sr. Pedro a respeito dos filhos se intensificam é

que ele está novamente por um fio. Os sintomas depressivos que não o abandonaram de vez vão se reavivando. Os aspectos que vai demonstrando mesclam-se entre os neuróticos e psicóticos, conferindo-lhe o que psicopatologicamente é denominado quadro "borderline"³

A impressão que vamos tendo é que o Sr. Pedro vai novamente estabelecendo para ele e os filhos um mundo seguro, protegido de ameaças, suficiente para si, e livre de riscos. Irreal, isento de vida, considerando que o ato de viver implica todos os perigos. É, como se refugiado neste mundo recém-criado, ele pudesse — somente fechado nele — sobreviver.

Como as coisas não se passam desta forma, ele sucumbe. Ao ver estilhaçada a redoma de fantasia em que se resguarda, ele não consegue mais resistir.

Quando se depara novamente com a iminência da perda, ele a alucina com totalidade. A ameaça já é suficiente para consolidar a perda real. E ele já havia dado sinais de que não poderia suportar uma outra "morte" de si. **"No dia em que os meninos bateram com os rostos no ferro que envolve o encosto da cadeira, no desastre de ônibus, eu não gostei de ficar a olhar para os seus rostos. Agora passo até um dia sem ir vê-los. Me dá mal-estar ver aqueles ferrinhos saindo de dentro da pele deles, fazendo um ângulo e voltando de novo, estofando nos pontos em que saem com as roscas para o médico ir puxando e afrouxando. Tudo aquilo me parece uma gaiola de ferro. E dentro daquela gaiola os rostos machucados. Estragados e diferentes do que eram. Só os olhinhos permaneceram vivos e sempre parecendo que não sabem que o rosto está estragado"** (1, p. 121).

A fragmentação já ocorrera dentro de si. E ele, mais uma vez, se vê desamparado. Irremediavelmente desamparado. Vai até a empresa de ônibus à qual pertencia o que acidentara

(3) Casos Borderline são aqueles em que se verificam mecanismos do tipo neurótico e psicóticos concomitantemente. Existem neuróticos que, sem desenvolver uma psicose completa, possuem tendências psicóticas ou têm disposição a empregar mecanismos esquizofrênicos sempre que ocorrem frustrações. Há também aqueles que mostram sinais de que estão iniciando uma ruptura com a realidade, embora não a tenham feito completamente. Pessoas que, em condições desfavoráveis de vida podem evoluir para psicóticos. São considerados também casos borderline — ou fronteiriços, pessoas que canalizam uma disposição esquizofrênica para determinadas atividades. Frequentemente chamadas "excêntricas", elas restringem sua loucura em certa área mais ou menos circunscrita, conservando, assim contato normal com a realidade. Uma visão mais completa da enfermidade pode ser encontrada no livro de Otto Fenichel, Teoria Psicanalítica das neuroses. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.

suas crianças à procura de respostas. "E vi que a placa da empresa é grande e mal pintada. O dragão é torto e o São Jorge é comprido demais. De dentro do carro, quando olhei para a entrada do pátio dos ônibus vi o homem na porta com as mãos no bolso da calça, olhando em minha direção. Saí dali, e procurei não olhar para cima, a fim de não ver a imagem do santo matando o dragão. Mas, mesmo não olhando, e quando já estava longe, tinha a impressão que, se levantasse a vista, iria ver a figura" (1, p. 46).

Parece que uma idéia fixa se instalava neste momento. A visão de São Jorge que mata o dragão parece lhe dizer que alguém é culpado pelo seu sofrimento. Ele recomeça a percorrer a sua "via crucis" interna: "Estacionei ao lado, e fiquei olhando as paredes altas daquele hospital onde Darcy ficou tanto tempo deitada numa cama no quarto 26. Estranhei ter-me lembrado do número do quarto. Ele nunca me veio à cabeça. Olhei as janelas e me pareceu que nunca aquele hospital seria o mesmo que foi quando a Darcy estava lá. Entrei na sala de espera e vi os visitantes que esperavam a hora de serem chamados para irem pelo corredor até o elevador e, daí, aos andares onde ficam os quartos com os doentes. Vi quando a Dona Déia, uma enfermeira que conheço, veio até a porta de vaivém e chamou baixo os nomes dos que já podiam entrar. Ela me viu e ficou me olhando. Depois virou as costas e sumiu pelo corredor. Sentei-me em uma cadeira e forcei a cabeça, tentando pensar que a Darcy estava ali no quarto 26 e que, se eu quisesse vê-la, era só ir até lá. Mas não consegui me convencer e saí do hospital. E, quando saí ainda notei a pintura estragada nas duas pilastras. E vi que tudo é igual ao que era e, no entanto, tudo me parece que nunca será como quando a Darcy estava lá" (1, p. 124).

O teste de realidade prova mais uma vez que o objeto amado não existe mais, exigindo dele que retire dali toda a libido com urgência. É um ultimato a que ele não pode obedecer. Regride. Refaz as atitudes dos filhos tentando se sentir criança: "Estacionei o carro fora do parque. Já era noite a iluminação era muito fraca. Demorei a encontrar o canteiro em que deixei que os dois brincassem. Andei pela grama. Sentei-me nela e ela estava molhada e fria. Passei a mão com força no chão e a pele se irritou e ficou coçando. Voltei ao carro e abri um dos tubos de pomada e passei um pouco na mão. Cheirei e não achei que me fizesse sentir pequeno. Era diferente" (1, p. 125).

Refazendo o seu sofrimento, ele acreditou poder se fazer menino. Assim como não conseguiu restituir para si a presença da esposa, nem a dos filhos, também não consegue se reconstituir. Nem pelo retorno a uma fase mais primitiva. E sabe que não pode mais. Está fragmentado demais. Parece não haver nenhuma saída.

O que lhe ocorre a seguir é uma situação extrema dos sentimentos que não pode mais conter. A idéia de que alguém deveria pagar por tanto dano lhe acompanhava na revivência da imagem de São Jorge. Ao pressentir a nova ameaça ele perde totalmente o domínio de si: Era de tarde e quando parei no sinal vermelho meus olhos arderam e, sem que eu quisesse, parecia que havia muitas ruas dentro deles. Todas asfaltadas e com o meio-fio. Balancei a cabeça e desejei que sinal vermelho mudasse. Ao meu lado um carro verde buzinou, e vi que o chofer estava impaciente. O carro verde deu uma avançada para a frente e entrou com o pára-choque na faixa para pedestres. Entrou muito pouco, mas a dona que atravessava a rua, levando pela mão uma menina da idade da Tânia, gritou e puxou a menina para junto de si, evitando que o pára-choque batesse nela. Gritei para o homem que não fizesse aquilo e ele ouviu o meu grito e olhou para mim e disse uma coisa que eu não entendi... A cara dele parecia ser a de um motorista imprudente e que poderia causar vários desastres... Peguei a cabeça do homem pelos cabelos. Enfiei os dedos por eles e puxei sua cabeça para a porta. O vidro da porta não se achava todo recolhido, e ele bateu com a orelha no vidro. Puxei com mais força, e ele bateu outra vez com a orelha no vidro. Encostei o joelho na porta do carro para apoio, e fiz força com os dedos que seguravam os cabelos do homem. Ele gritou e não liguei a que gritasse. Continuei batendo, e ele não gritou mais. Olhei para baixo e vi que a minha roupa já estava suja de vermelho. Chegaram perto e até seguraram o meu braço. Não larguei e nem deixei de puxar e bater a cabeça do homem no vidro. Buzinaram atrás do carro e escutei gritos. Mas não eram do chofer do carro verde. Minhas costas doeram e eu vi que estavam me batendo. Minhas pernas doeram e meu pescoço também recebeu um murro. Ficou difícil continuar a ver a cabeça do homem que eu segurava, e levantei a vista. A mulher que puxava a criança que tinha a idade da Tânia me olhava assustada. Muita gente se mexia entre ela e o carro

que quase pegara sua filha. Havia muita gente junto de mim e o meu corpo doía cada vez mais. Antes que tudo escurecesse, bati mais ainda a cabeça do homem no vidro da porta. E, quando comecei a sentir tudo escurecer, ainda fiz força para não largar o cabelo do homem" (1, p. 126-7).

Mata alucinadamente como se matasse aquele a quem responsabiliza por suas perdas. O culpado de tudo. A si próprio, talvez.

Freud afirma que são exatamente as atitudes sádicas que solucionam o enigma da tendência ao suicídio, que tornam a melancolia tão perigosa. "Tão imenso é o amor de si mesmo do ego ('self-love'), que chegamos a reconhecer como sendo o estado primeiro do qual provém a vida instintinal, e tão vasta é a quantidade de libido narcisista que vemos liberada no medo surgido de uma ameaça à vida, que não podemos conceber como esse ego consente em sua própria destruição. De há muito é verdade, sabemos que nenhum neurótico abriga pensamentos de suicídio que não consistam em impulsos contra outros, que ele volta contra si mesmo, mas jamais fomos capazes de explicar que forças interagem para levar a cabo esse propósito. A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode matar se, devido ao retorno da catexia objetal, puder tratar a si mesmo como um objeto -- se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo" (3, p. 285).

Desta forma, o Sr. Pedro consuma sua dor nesta atitude extrema que talvez estivesse desde o início a um passo de ser tomada. Sem que o desse conta, este ato foi o seu trampolim para o outro lado. Havia apenas um fio a ser cortado a fim de que o rompimento com a realidade se efetuasse. E ele finalmente o cortou. "Deitado como estou, fico examinando a parede. Ela me parecia completamente branca. Agora sei que não é como pareceu no início. Tem uns pontos pretos e manchas amareladas. À minha direita tem uma janela que fica quase sempre aberta. Não olhei para ela ainda, mas sei da sua existência. Quando, à noite, ela é fechada, o quarto não muda em nada, mas me sinto mais seguro, e prefiro que fique fechada... Na parede, quando permaneço sem tirar os olhos dela, aparecem as figuras que vou pensando. Meu carro apareceu todo sujo e precisando de uma limpeza. Da casa apareceu apenas a janela do

quarto onde os meninos dormiam. Estava aberta, como a Darcy deixava quando ela vivia comigo e não tinha ainda ido para o hospital. Os meninos também apareceram. O Ronaldo com o travesseiro debaixo do braço e com a carinha bem triste. Tânia com o dedinho esticado, querendo enfiá-los nos buracos das tomadas. Até a Teresa aparece com os pratos na mão, andando em direção à mesa e dizendo ‘sim senhor’” (1, p. 128-30).

Refugiado nas suas alucinações, ele encontra para-deiro para a sua dor. Somente a desrazão pode lhe reconstituir o prazer, devolvendo-lhe os objetos de amor, eternamente preservados de qualquer perda.

“Nem reparo, quando o médico e a enfermeira passam entre a cama e a parede, mas escuto sem que fizesse força para ouvir: ‘Ele tem uma expressão tão calma’” (1, p. 131).

Nada mais a temer.

CONCLUSÃO

O presente estudo foi uma tentativa, num certo sentido fracassada, de refletir sobre algumas questões do funcionamento mental, através de uma obra literária articulada a um texto psicanalítico.

Enquanto meio de nos levar a pensar e a levantar questões sobre um processo tão laborioso, mas fundamentalmente constitutivo da nossa espécie, como é a elaboração dos nossos lutos, bem como sobre o surgimento de outras patologias a ele interligadas, este estudo me satisfez intensamente. Porém, o sentimento de fracasso advém da certeza de não haver alcançado a profundidade que tais questões exigem.

Freud abriu-nos muitas portas no caminho da compreensão dos sofrimentos da alma humana. E o fez da forma mais humana que possa existir, estabelecendo o contato direto com o outro e sentindo da forma mais próxima possível sua dor. À medida em que ia criando e aperfeiçoando a psicanálise, ia aprimorando também a sua escuta em relação a este sofrimento. A proposição do seu método clínico se deu a partir da observação de que era preciso reviver com o seu paciente todo o

processo que lhe infligia desprazer. A transferência inaugurou uma forma de tratamento mental, onde o médico podia se aperceber na própria relação a dor de que lhe falava o seu paciente.

Por outro lado, ninguém como o escritor (e Freud também o era) para captar com toda a sua sensibilidade aquilo que é mais particular, mas ao mesmo tempo mais universal sobre todos nós. Com as palavras do nosso cotidiano e através dos nossos atos mais corriqueiros, o escritor vasculha, descobre e expõe os aspectos mais contundentes da nossa condição humana. O texto de Oswaldo França Jr. é um exemplo disto.

Daí o meu desejo de procurar entender o fenômeno do luto a partir destes dois autores. Repetindo, como um exercício de reflexão, me dou por satisfeita, mas sei que isso é muito pouco, dada a extensão do assunto.

Dessa forma, minha proposta inicial permanece. Posso numa outra oportunidade retomar este estudo e enriquecê-lo com as contribuições de outros autores que a partir de Freud fizeram novas formulações a respeito desta problemática. A obra que focalizei é por demais rica de aspectos psicodinâmicos, exigindo assim estudos mais minuciosos de seu conteúdo.

As condições do momento só me possibilitou caminhar até aqui. Este estudo me faz um pouco mais conhecedora dos processos mentais envolvidos na elaboração do luto, mas ainda longe de sua total compreensão.

ABSTRACT

This study reflects the aspects that involve the process of mourning elaboration, as well as, some pathologic implications that this circumstance can unchian. It suggests an articulated approach betwewn a contemporary national novel and a psychoanalytic text focusing with the same subjects.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA JÚNIOR, O. O Viúvo (1965). 3ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1979.

- FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1889-1904.** Editada por Jeffrey Moussaieff Masson; traduzida do inglês de 1985 por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Imago, 1986.
- FREUD, S. Luto e Melancolia (1917). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Vol. XIV. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- FREUD, S. Suplemento Metapsicológico à teoria dos sonhos. (1917) In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Vol. XIV. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. (1975) In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Vol. XVI. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974.